



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Will Ganner Ferreira de Paula

A ludicidade na escola sob a perspectiva de gênero

Brasília
2013



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Will Ganner Ferreira de Paula

A ludicidade na escola sob a perspectiva de gênero

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Universidade de Brasília como exigência final para Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora Iracilda Pimentel Carvalho

Brasília
2013

A ludicidade na escola sob a perspectiva de gênero

Will Ganner Ferreira de Paula

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Iracilda Pimentel

BANCA EXAMINADORA

**Professora Doutora Iracilda Pimentel Carvalho
(Orientadora)**

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Professor Doutor José Zuchiwschi

Brasília
2013

A ludicidade na escola sob a perspectiva de gênero

Will Ganner Ferreira de Paula

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Iracilda Pimentel Carvalho.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Iracilda Pimentel Carvalho
Orientadora

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Professor Doutor José Zuchiwschi

Brasília
2013

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a minha família, por ter sempre me apoiado nos desafios da minha vida e por ter me garantido uma base tão sólida de valores e caráter.

Aos meus colegas de curso que tão bem me acolherem todos os dias, compromissados com a Educação e com o aprender a educar.

A minha namorada Marluce Ferreira pela incansável vontade de crescer e ser sempre melhor, que me motiva também a ser e dar o melhor de mim a cada dia tanto pessoalmente quanto profissionalmente e pela incrível companheira que ela é e sempre foi, estando ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço a Raissa Rachel e toda sua família, que para mim são minha segunda família agradeço por todos os momentos que vivemos juntos, brigas, discussões, dicas e sugestões.

Aos amigos Diego Dutra, Guilherme Moura e Leonardo Barros por todos os momentos de conselhos, risadas e descontração quando mais precisava.

A professora Iracilda Pimentel Carvalho, por me suportar como monitor, orientando-me por tanto tempo, por todas as brigas, discussões, desentendimentos, puxões de orelha e pelas boas risadas que demos juntos.

A professora Carla Castelar que foi para mim uma inspiração de professora e de pessoa que sempre vou lembrar com muito carinho.

A professora Catarina Santos que por muitas e muitas vezes brigou, e brigou para que eu entendesse o que ela queria, pela amizade adquirida no processo de aprendizagem e pela incrível profissional que é.

Aos estimadíssimos funcionários da Faculdade de Educação, Manoel, André Ricardo,
Patrícia, Luciene, Lucineide e Gilberto Perpétuo.

Gostaria de deixar a todos o meu muito obrigado!

*“São as diferenças entre as pessoas que fazem
do mundo um lugar cada vez mais divertido
para se viver.”*

Daniele Auad

Referência: DE PAULA, Will Ganner Ferreira. **A ludicidade na escola sob a perspectiva de gênero**. 2013. Monografia (Pedagogia) Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Resumo

Este trabalho, vem para encerrar um ciclo de estudos, que se iniciou no segundo semestre de 2011 e se encerrou no segundo semestre de 2012, relacionados a ludicidade e como ela modifica o modo de aprender dos alunos, também aborda um olhar sobre gênero na escola, na perspectiva da brincadeira, uma pesquisa abordando o modo que os alunos se portam durante a aula, intervalo e durante as relações cotidianas, com o gênero oposto, e suas interações. Consta também neste trabalho como a brincadeira pode unir os gêneros sobre um olhar didático e pratico incentivando o aprendizado de forma a fortalecer o aprendido em sala de aula funcionando como exercício de fixação de conteúdo e as relações interpessoais entre os próprios alunos e também com o pesquisador e com a professora regente da turma. Fazendo assim uma análise dos dados coletados e os apresentando relacionando-os com os teóricos das áreas de conhecimento abrangidas.

Palavras-chave: lúdico, gênero, ludicidade, ZDP.

Reference: DE PAULA, Will Ganner Ferreira. The ludicity in school from the perspective of gender. 2013. Monograph (Education) University of Brasília, Brasília, 2013.

ABSTRACT

This work, comes to end a cycle of studies that began, in the second half of 2011 and ended in the second half of 2012, with studies related to lucidity and how it changes, the way students learn and also addresses a look at gender in school, perspective of play, a study addressing how students behave in class, during the interval and daily relationships, with the opposite sex, and their interactions. Also shown in this study how the game can put together the gender on a look encouraging didactic and practical learning, in order to strengthen the learning, in the classroom working as an exercise in fixing content and interpersonal relationships among the students and also with the researcher and the teacher of class. Thus making an analysis of the collected data and presenting, associating them with theoretical areas of knowledge covered.

Keywords: gender, lucidity, ZPD.

SUMÁRIO

Apresentação	11
PARTE I – Luz, câmera, graduação! (Memorial educativo)	12
PARTE II – A ludicidade na escola sob a perspectiva de gênero	23
Capítulo 1	24
1.1 Introdução.....	24
1.2 Gênero e ludicidade.....	26
Capítulo 2	33
2.1 O lúdico como ferramenta na perspectiva de gênero	33
2.2 O brincar na escola	40
Capítulo 3	43
3.1 Metodologia.....	43
3.2 Análise de dados coletados.....	45
3.3 Considerações Finais	51
3.4 Referências	53
PARTE III.....	54
PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	55
APÊNDICES	56

Apresentação

Esta monografia contém um estudo realizado em escola pública do Distrito Federal com objetivo de perceber o estudo da ludicidade como ferramenta pedagógica na escola numa perspectiva de gênero. Ela se encontra dividida em quatro partes.

A primeira parte relata minha história de vida educacional, profissional e pessoal trazendo detalhes dos caminhos pelos quais passei até chegar a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Além disso, traz também um pouco das pessoas que me auxiliaram na caminhada até a universidade.

A segunda parte é feita uma contextualização histórica sobre gênero e ludicidade comentando autores e sua importância acadêmica e histórica. Articulando as duas temáticas para formar o embasamento teórico para a parte subsequente.

A terceira parte traz a metodologia de pesquisa e a análise dos dados coletados dentro da escola.

A quarta parte traz as considerações finais sobre a pesquisa seguida das minhas perspectivas profissionais, referências e apêndices que fazem o fechamento dessa monografia.

Parte I

Memorial Educativo

Luz, câmera, graduação!

Memorial

Olá, sou Will Ganner Ferreira de Paula, brasileiro nascido em Brasília. Filho de Rui Carvalho de Paula e Silvia de Jesus Ferreira Carvalho de Paula. Venho aqui contar um pouco da minha história, e sobre pessoas importantes para mim dentro de todo meu trajeto acadêmico.

Atualmente, estou com 22 anos. Comecei minha trajetória escolar com a idade de três anos em uma pequena escolinha que se situava na Asa Sul, chamada Cresça. De lá lembro muito pouco, entretanto, sempre que penso nesse local vem à cabeça a imagem do trezinho de concreto que existia no meio do pátio, servia de mesa para a hora do lanche e também para brincarmos. Saindo do Cresça por volta de um ano depois fui estudar no Colégio Objetivo da 914 Sul, que hoje não existe mais.

Entrei na escola no jardim, e com isso, fiz muitos amigos, alguns me acompanham até os dias atuais. Era uma escola muito boa, ampla e tinha um espaço enorme para brincar. Com o passar do tempo fui passando de um ano para o outro sem muitas dificuldades. Uma coisa que sempre me lembro dessa época era que eu participava de todos os eventos culturais promovidos pela escola. Uma vez, no dia do meio ambiente nos vestimos de sapinho, e na páscoa de coelhinhos, era muito interessante e divertido.

Quando estava na terceira série com 9 anos de idade, lembro-me que a diretora da unidade, Isabella Carpanheda, me convidou para fazer uma entrevista sobre cães e gatos que iria ser publicada no livro que ela estava escrevendo sobre língua portuguesa. Uns dois anos depois, consegui um exemplar desse livro e lá estava minha foto e minha entrevista, fiquei muito orgulhoso de mim.

No ano 2000 mudei de colégio para um mais perto de casa, Colégio Marista Champagnat localizado em Taguatinga Sul. Dessa época possuo mais lembranças, a primeira é que era uma escola católica e existia o hábito de se fazer uma oração entre o fim do primeiro horário e o início do segundo horário, eu tive que me acostumar com isso. Tudo era novo pra mim, amigos novos, professores novos e rotinas novas. Mas, com o passar das semanas fui pegando o jeito e descobrindo várias coisas novas, principalmente na convivência. No Marista tinha uma orientadora educacional que era o maior barato a Tercia, era amiga de todos os alunos, mas não deixava de brigar com a gente quando aprontávamos.

Minha quarta série foi cheia de descobertas, educação religiosa, amigos novos, rotina nova, e uma paixão o Judô. Comecei a praticar vários esportes nesse ano, futebol, futsal, natação, jazz, teatro e judô. Esse último foi minha grande paixão, com o SENSEI, que quer dizer professor em japonês, André Mariano dos Santos. Conheci a disciplina e a prática desse esporte maravilhoso.

Sempre fui uma pessoa muito fácil de conviver, por isso sempre fiz muitos amigos rapidamente e dessa vez não foi diferente. Fiz vários amigos e no ano seguinte todos já me conheciam. Pelo fato de eu ter feito vários dos esportes que o colégio proporcionava no turno contrario eu acabei conhecendo todos os níveis do colégio. Desde o pessoal da limpeza ao diretor e eu achava isso ótimo.

Em 2001, fiz minha quinta série também no Colégio Marista Champagnat. Foi o lugar que me encontrei como pessoa, tive envolvimento com várias coisas, fora estudo, tanto desportos como sociais. O colégio tinha muitos projetos sociais na época, vários dele coordenados pelo professor Alcebíades Rolim Sobrinho, nosso queridíssimo Bida. Ele não era um irmão marista, mas tinha mais moral com os alunos que qualquer outra pessoa.

Minha sexta série conheci novas pessoas. Tive mais contato com o pessoal que estudava à tarde, pelo fato de fazer tantos esportes no turno contrário, foi mais fácil isso acontecer. Tive uma professora marcante que adoro de paixão, Sandra Filé, mantenho contato, mesmo sendo pouco. Ela é mãe de um do meu colega, o Gustavo. Filé dava aula de ciências na sexta série, um dia ela nos mostrou o vídeo do parto do Gustavo, foi muito legal. Ela é considerada uma das professoras mais queridas por todos os alunos, sempre divertida e engraçada. Sempre tive notas boas, a grande maioria acima da média. Entretanto, me recordo que no último bimestre da sexta série tirei uma nota muito baixa, mas como não precisa dela para passar de ano, então, não liguei para essa nota.

A sétima série foi um ótimo ano pra mim. Só não foi melhor porque aconteceu uma coisa que não era comum. Tínhamos a professora Rejane, uma ótima professora de matemática. Durante o semestre ela precisou sair do colégio por causa do outro emprego dela no BRB. Ficamos um tempo sem professor, assim que foi possível outro professor assumiu a turma, mas ele também não ficou muito tempo. Com isso as provas foram sendo dadas e as notas da turma não eram muito animadoras, em particular, as minhas também não estavam boas. Pela primeira vez estava precisando de nota para passar de ano. No último bimestre, o professor Wilson, que era coordenador na parte da manhã, assumiu a vaga. Aí sim, minha turma e eu conseguimos desenvolver e aprender de forma satisfatória. As notas aumentaram e conseguimos todos passar de ano.

Cheguei a então sonhada oitava série! Estava apenas a um passo do ensino médio e nesse ano de 2004 encontrei outra benção na minha vida que também era professor de matemática. Carlos Pelegrinelli, já um senhor e dava aula porque gostava mesmo, um excelente professor.

Alguns alunos da tarde foram transferidos para manhã, ao todo éramos 5 turmas. Todos vivíamos juntos éramos uma grande turma. Claro que sempre tínhamos um ou outro atrito mas nada que não fosse resolvido com uma Coca Cola 2 litros bem gelada.

Nesse ano foi muito bom também nos esportes, eu tinha me tornado campeão na categoria até 73 kg no Judô. Fiquei muito feliz e foi a primeira de várias, no fim do ano para ser mais exato em novembro aconteceu a Copa Brasília Internacional de Judô que eu participei e infelizmente me machuquei durante uma luta. Nada serio mas não consegui o meu objetivo naquela competição.

Outra coisa muito boa pra mim nesse ano foi que comecei a trabalhar como monitor de colônia de férias no SESC de Taguatinga Sul, foi uma experiência nova e muito boa para minha vida.

No ano de 2005 finalmente chegou o primeiro ano e com ele muitas mudanças eu havia feito 15 anos e também havia mudado de escola contra minha vontade.

Fui parar no Colégio Objetivo de Taguatinga, e por sorte lá encontrei um dos meus amigos que fiz na época do jardim de infância, Avner Sérgio. Isso fez a transição ser um pouco menos dolorosa, porem eu sentia muita falta do pessoal que estudou comigo desde a 4ª serie, pois éramos muito colados. Eu vivia indo no marista mesmo não estudando mais lá, os colégios ficavam perto então eu pude fazer isso algumas vezes para matar a saudade.

Eu tinha uma certa repulsa do Objetivo até pelas instalações do colégio serem num porão do edifício, um cheiro de mofo horrível e eu não estava acostumado a ficar preso, o Marista tinha um espaço aberto muito grande e tínhamos mais liberdade mas tive que me acostumar pois não ia conseguir convencer meus pais a voltar atrás.

Além disso, encontrei dificuldade com a maneira de avaliação do Objetivo, que era totalmente diferente do que eu estava acostumado.

Após um primeiro bimestre bem turbulento com altos e baixos nas notas me acostumei com o método avaliativo, mas não conseguia ainda entender algumas coisas que obtive resposta nos anos posteriores. Eu achava super estranho, para aula de educação física saíamos de ônibus até o Clube da Portuguesa, um clube de desportos localizado em Taguatinga Sul, e fazíamos a aula lá.

Conheci pessoas que levo comigo até os dias atuais, professores de extrema competência e um deles merece destaque por ser um cara no mínimo diferente para não dizer outra coisa, Mauro Martuscelli, o Martuzinho.

Esse era o cara, professor de matemática e agente de viagem nas horas vagas, ele organizava saídas para chapada, para cavernas. Muito louco ele.

No segundo ano graças ao nosso querido Martu, conseguimos trocar de instalações físicas, agora o colégio estava sediado no prédio da antiga FACITEC no Pistão Sul, próximo ao clube da Portuguesa.

Um prédio maior, mais novo, com mais alunos, foi tanto que precisaram dividir nossa antiga turma em duas.

Nesse ano, 2006, eu tive a oportunidade de ir a uma das viagens com o Martu com destino a Disney, em Orlando- Florida. Meus pais foram comigo também, foi uma excelente viagem, conhecer tudo que só via pela TV, foi mágico.

Em 2006 meu avô ficou muito doente do câncer e algumas vezes tive que acompanhá-lo nas transfusões de plaquetas, saia direto do colégio para hospital.

Na semana da criança não tínhamos aula na escola então o professor Martu resolveu organizar uma viagem para Morro de São Paulo no sul Bahia, foi uma das melhores viagens da minha vida. Foi simplesmente perfeito.

Minhas notas no segundo ano do ensino médio eram razoáveis eu não me esforçava muito para tirar notas altas, só fazia o necessário. Foi a primeira vez que fiquei de recuperação. Tive que ficar no colégio até dezembro fazendo as provas, de matemática e física, depois que fiz passei com sobra.

No ano de 2007 chegou a hora de escolher a profissão, fazer vestibular mas o mais importante era terminar primeiro o ensino médio. Tivemos algumas baixas no número de alunos nesse ano, em contrapartida alguns chegaram e formamos novamente uma grande e única turma.

O ano de 2007 foi ótimo para mim, do ponto de vista acadêmico foi bom, tive alguns deslizes em algumas matérias, mas nada que não pode ser recuperado no último bimestre. Consegui me formar e ao mesmo tempo me frustrei, pois o colégio estava muito mal administrado e não conseguimos fazer nem uma colação de grau com os formandos da unidade de Taguatinga.

Depois do ensino médio não consegui aprovação na UnB pelo PAS então fui fazer cursinho pré-vestibular no Obcursos no centro de Taguatinga juntamente com o cursinho para o concurso do Banco do Brasil pela parte da tarde.

Foram meses bem puxados de estudo e muita bagunça, pois lá reencontrei boa parte dos amigos que eu tinha deixado no Marista quando sai de lá na quarta série.

Nas férias fui novamente trabalhar na colônia de férias do SESC e foi lá trabalhando que recebi a notícia que havia passado para Pedagogia na UnB, pela Irma de um amigo meu, que me ligou umas 30 vezes e me contou a novidade.

Lembro que nesse vestibular o resultado foi adiado em um dia, e depois de saber disso nem estava mais ligando para o resultado mas fui surpreso com essa boa notícia.

No ano de 2008 no segundo semestre eu finalmente alcancei a UnB tão sonhada e tão merecida.

Lembro que na primeira semana de aula fomos recebidos pelos veteranos que fizeram uma programação especial para nos dar o famoso TROTE e foi muito bom. Eu gostei bastante pois assim eu conheci melhor meus amigos calouros como eu. E subitamente eu estava envolvido no mundo da educação, daí pude entender o porquê de algumas coisas que acontecem dentro da escola, seu funcionamento, burocracia, trabalhos internos e etc.

Eu também notei logo de cara que eu era um dos poucos homens que passam para o curso de Pedagogia e isso acaba tornando os homens mais notados do que as mulheres exatamente pela quantidade.

Em 2009, eu me encontrava no segundo semestre ainda desbravando muitas ilusões que tinha sobre a educação no Brasil, nesse semestre tive aula com duas professoras que considero fundamentais para minha evolução no curso. Uma é a Professora Doutora Maria Zélia Borba Rocha e a outra a também Doutora Iracilda Pimentel, que no futuro viria a se tornar minha orientadora.

Não escolhi pegar a disciplina com nenhuma delas, entretanto foi uma grata surpresa, com Maria Zélia, consegui entender porque nos temos padrões e regras, a disciplina de OEB (Organização da Educação Brasileira), toda a parte financeira e governamental que sustenta o

professor dentro de sala de aula, ela abriu minha mente para tantas outras coisas é uma excelente profissional.

No segundo semestre de 2009 eu viria a me tornar monitor da professora Iracilda Pimentel, função que realizo até os dias atuais.

No ano de 2010 tive mais uma grande influenciadora da minha trajetória acadêmica e mentora do meu plano na época de fazer monografia, essa professora me ensinou muito mais do que esta no livro ou nas apostilas ela vivia conosco no projeto 3.

Carla Castelar Q. Castro, esse é o nome do ser iluminado por Deus que deu vida a minha vontade de desbravar a educação especial por meio do lúdico. Todo o projeto foi como se estivéssemos em família, com nossa mãe e irmãs, já que eu era o único homem do projeto.

No fim desse semestre eu estava acabado, mas sabia que estava com o dever cumprido, já que a professora Carla exigiu muito de todos do projeto durante todo o semestre e eu agradeço por isso.

No semestre seguinte por choque de horários não consegui continuar com a professora Carla na fase 2 do projeto, entretanto, continuei na área de educação especial com o Professor Eduardo Ravagni, com o tema de Psicomotricidade.

Esse foi um semestre mais tranquilo, menos matérias pra fazer e eu tinha conseguido pegar a disciplina de Prática Desportiva para Futsal.

No semestre seguinte, 2º de 2011, eu tive o prazer de fazer parte novamente do projeto do Encanto no aprender com a Professora Carla Castro e estava já decidido pela minha linha de pesquisa seria no âmbito da educação especial trabalhando com a ludicidade. Nesse projeto teríamos de fazer uma certa quantidade de horas na escola contando com observação, preparação de aula, avaliação e a aula propriamente dita.

Eu busquei algumas escolas para fazer esse estágio, e encontrei na Escola Classe 302 Norte as portas abertas para realizar essa atividade. Lá fui muito bem tratado e comecei a trabalhar junto com a Professora Eliete do 5º ano vespertino.

Foi uma experiência maravilhosa, pude conhecer realmente como funciona a escola pública de perto, ver seus defeitos e qualidades e reafirmar minha vontade de trabalhar com educação.

No fim do semestre recebi uma triste notícia que todos os professores que eram cedidos da Secretaria de Estado de Educação seriam devolvidos e os projetos que eles faziam seriam fechados e não haveria oferta no semestre seguinte. Isso me deixou um pouco sem chão, pois nenhum outro professor trabalhava com a linha da querida Tia Carla.

Quando o semestre de 1º de 2012 começou foi uma loucura total, professores que ficaram estavam sobrecarregados a diretoria da Faculdade de Educação não contratava temporários e eu como vários outros colegas ficamos sem aula por um bom tempo.

Sai à procura de um projeto 4 fase 2 que me encaixasse já que tudo que eu tinha feito foi por água abaixo com a devolução dos professores cedidos, procurei o projetos nas mais distintas áreas, orientação vocacional, pedagogia empresarial, economia solidária, mas não me encaixava de forma alguma. Visto meu momento de desespero, a professora Iracilda se ofereceu para me orientar e conversando com ela que sabia todo meu drama ela me acolheu em seu projeto de Gênero e Educação para que eu pudesse continuar minha pesquisa na escola e também relacionasse isso com gênero.

No momento era a opção mais acertada que eu tinha, e fui abracei o projeto, continuei na escola classe302 norte com a turma de 5º ano vespertino que agora era regida pela Professora Paula.

Passamos o ano de 2012 praticamente juntos, eu indo sempre à escola e estudando a relação do gênero e da brincadeira com alunos. Ainda no primeiro semestre tivemos uma greve terrível onde minha orientadora optou por não compactuar com os professores grevistas e continuou a dar as aulas de Historia da Educação, que eu sou monitor, e as orientações para meu projeto 4.

Um semestre completamente atípico na UnB, mas com muita luta e persistência foi vencido!

Desde que fui acolhido pela professora Iracilda pensei em uma forma de não sair perdendo tudo que eu já havia produzido vivenciado e experimentado na 1ª fase do Projeto 4, procurei acrescentar a visão do gênero dentro da antiga temática mesclando os assuntos produzindo uma nova linha de pesquisa, levou um ano para conseguir achar esse vinculo entre os dois assuntos de maneira que eu ficasse satisfeito de ver o meu projeto não se perder e evoluir com o passar do tempo.

Em paralelo a muitos dos acontecimentos acima, como já mencionei, fui monitor da disciplina de Historia da Educação com a professora Iracilda, nesse espaço acadêmico tive a oportunidade de ver o outro lado da moeda. Depois de fazer a disciplina no primeiro semestre de 2009 me candidatei a monitor no semestre seguinte e fui aceito desde então viemos juntos com essa parceria que deu muito certo e ainda promete vários frutos no futuro.

Hoje estou no meu nono semestre no curso de Pedagogia, sou formando e levo comigo uma bagagem riquíssima de vivencia e conhecimento que espero poder transmitir ao menos uma parte aos meus futuros alunos e que se eles pudessem escolher assimilar uma única coisa de mim que seja a alegria de viver.

Parte II

A ludicidade na escola sob a perspectiva de gênero

Capítulo 1

1.1 Introdução

O presente trabalho monográfico desenvolvido como requisito parcial para aquisição do título de Licenciado em Pedagogia, traz uma pesquisa feita durante os últimos 18 meses em escola pública do Distrito Federal, mais especificamente na RA (Região Administrativa) da Asa Norte, com o objetivo de concluir o curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. O trabalho desenvolvido durante esse período foi diversificado e contém partes distintas do olhar do novo professor que futuramente irá ingressar na Secretaria de Estado de Educação do DF. De início temos uma primeira parte de apresentação detalhada do local com todos os dados fornecidos pela instituição que colaborou bastante durante a realização desta pesquisa de campo. Uma vez dentro da escola e por sua vez dentro de sala de aula compartilhando momentos didáticos com a professora regente expor o motivo para realização de tal trabalho que é verificar qual é a percepção que os alunos têm sobre gênero, relacionando esse conceito com uma atividade cotidiana de toda criança, o brincar e suas relações.

Mostrar, mais uma vez, que a brincadeira dentro de sala de aula não é prejudicial. Como principal objetivo da pesquisa, tem-se a obtenção de dados para realização de relatório e de provável hipótese com base nos acontecimentos vividos. Secundariamente mas não menos importante, para agregar valor a essa pesquisa, estão os relatos diários do professor/pesquisador e em terceiro lugar as respostas coletadas dos alunos, (por meio de questionário, dos três questionários que foram aplicados e desenvolvidos de forma atender a demanda de informação), em nenhum momento desse relatório foi ou será mencionado nomes reais dos alunos e professores.

As etapas mencionadas acima foram divididas em períodos iguais de 90 horas, respeitando-se sempre as limitações de horário e disponibilidade do pesquisador para estar presente e acompanhar a turma.

O pesquisador obteve “carta branca” para utilizar os materiais disponíveis na escola e também os recursos tecnológicos que a escola dispunha para executar suas atividades que em ordem acontecerem da seguinte maneira: a) observação de aula b) proposição de atividade c) execução de atividade proposta d) aplicação de questionário em duas etapas (pela necessidade do cronograma, os alunos estavam realizando provas bimestrais em paralelo). Cada uma das atividades mencionadas acima foi utilizada para melhor compreender a ludicidade na escola e também entender como gênero era trabalhado pela escola.

Tento estabelecer um vínculo teórico prático com base no que se havia estudado, sobre o assunto, para coloca-lo de forma a justificar o trabalho executado e seus resultados, dando credibilidade aos fatos expostos, fazendo um diálogo com vários autores, dentre eles se destacam: Daniele Auad (2011), Carlos Rodrigues Brandão (1981), Maria Izilda Matos (2006), Suely Gomes Costa (2003), Ana Alice Alcântara Costa (2006), Ângela Cristina Maluf (2009 e 2012), Celso Antunes (2009), Mark Labrow (2011), Santa Marli Pires dos Santos (2010), Carlos Nogueira Fino (2001) e Guacira Lopes Louro (2001).

Obtendo como resultado uma diversa gama de informações, que após análise descritiva, compuseram o resultado dessa monografia com uma fundamental importância empírica, que se junta a teoria e fluem juntas.

1.2 Gênero e ludicidade

A sociedade é permeada por preconceitos, a escola é um dos locais que se reproduz, que em poucos casos tenta desconstruir o pré-conceito que está tão profundo em nossa sociedade. Dessa forma pode-se dizer que a escola, reprodutora de conceitos e pré-conceitos continua formando pessoas preconceituosas, desde a época de seus pais avós ou até bisavós, uma vez que estes, por falta de interesse ou por estarem à margem da sociedade, também reproduziam o que viam o que confirma a afirmação de Daniela Auad em seu livro “Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.” Afirma que as relações de poder entre o masculino e o feminino foram sendo construídas socialmente ao longo da história. (AUAD: 2006, 20).

Educar meninas e meninos hoje nas escolas públicas é uma missão difícil, para todos os profissionais que lá se encontram, pois os alunos passam por situações cotidianas distintas onde o professor tem que intervir sobre os acontecimentos, e isso traz várias questões de relevância, no que se refere ao assunto de gênero, na escola é muito pouco trabalhado posso dar um exemplo prático que os professores não estão preparados para lidar com essa temática.

Observei durante o estágio um grupo de alunos que fazia uma brincadeira bem estranha para a idade (tinham sete e oito anos), esse grupo estava brincando de entrar no banheiro feminino e sair correndo, logo que percebi a movimentação deles fiquei observando de longe que além dos meninos, as meninas estavam também de dentro do banheiro puxando-os para dentro. Notei que isso estava sendo um tipo de castigo por parte das meninas com os meninos e um desafio entre os meninos, como se perguntassem uns aos outros:

Aluno 1: você tem coragem de entrar lá?

Aluno 2: eu tenho! Quer ver só?!

Depois da observação desse dia fiquei questionando que essa atitude de ambos os gêneros esta atrelada a uma concepção que ainda existe, que é de que meninos não entram em banheiro de meninas, pois se o fizerem vão se tornar menos menino e mais menina. Entendendo assim as relações de gênero:

“correspondem ao conjunto de representações construído em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos gêneros.” (AUAD: 2006, 21)

Concordando com Auad, vejo que ainda o que simboliza ser homem ou ser mulher é uma questão muito mais sexual do que de identidade, pois são características físicas marcantes que distinguem os gêneros, caso uma situação parecida ocorra o observador provavelmente terá pensado nisso. De uma maneira bem simples Auad coloca que: “Tais características são, na verdade, construídas, ao longo dos anos e dos séculos, segundo o modo como as relações entre o feminino e o masculino foram se engendrando socialmente.” (AUAD; 2006, 19)

O que nos remete a uma falha curricular. Com a ausência do trabalho específico com a temática de gênero dentro da escola, o professor hoje tem a responsabilidade de trabalhar o tema, entretanto, não existe nada que garanta que a temática será ministrada aos alunos. Isso garante ainda que uma concepção atrasada e totalmente preconceituosa, que ainda existe, pode ser trabalhada em sala de aula, como Furlani diz “O currículo é todo um sistema de comportamento e de valores (...) todo o tipo de aprendizagens e de ausências que os alunos obtêm como consequência de estarem sendo escolarizados” (G. S. in FURLANI: 2007, 2)

Na Escola Classe 302 Norte, existe um projeto¹ vigente que trata de assuntos como preconceito, educação sexual entre outros, mas ainda é pouco, pois quem fornece as palestras é a orientadora da escola. Esta não está todo dia com alunos, mesmo que fique a par dos acontecimentos cotidianos, ela não possui contato efetivo diário com cada turma. Isso ainda é pouco para o trabalho com a temática de gênero.

Vygotsky²,ressalta a importância do professor como mediador do conhecimento, atuando como elo entre o conhecimento almejado e as experiências vividas pelo aluno.

“Para Vygotsky, o desenvolvimento consiste num processo de aprendizagem do uso das ferramentas intelectuais, através da interação social com outros mais experimentados no uso dessas ferramentas (P.B. e C. in FINO: 2001, 5)” Uma vez com esse pensamento pode-se dizer que o mediador é passo fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse processo observa-se a mútua troca de conhecimentos entre o aluno e o professor mediador, de um lado o professor, transferidor o conhecimento, já adquirido previamente, e o aluno do outro lado, receptor, recebendo toda a informação que lhe é passada. Essa experiência de troca de saberes sempre respeita as limitações do aluno e com observância dos contextos.

O meio lúdico é muito usado para auxiliar os professores dentro de sala de aula e esse método sempre precisa de um mediador, nesse ponto aproxima-se da teoria de Vigotsky, esse por sua vez, terá a função de explicar sobre o jogo e conduzir todo o seu desenrolar para que

¹ Esse projeto acontece quinzenalmente, coordenado pela orientadora educacional da escola, propõe discussões e palestras sobre assuntos polêmicos que estão na mídia, se for o caso, e também assuntos como sexualidade, gravidez na adolescência, drogas entre outros. Afim de enriquecer a formação dos alunos.

² Lev Semenovitch Vygotsky, 1896- 1934, foi um pensador e psicólogo russo pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida, em sua teoria de ZDP (zona de desenvolvimento proximal) ,mencionada no trabalho de Carlos Nogueira Fino.

durante prováveis conflitos, dúvidas ou erros possa-se direcionar o aluno/jogador para o correto no jogo.

Depois dos ensinamentos, tanto do jogo, quanto de conteúdo programático ministrado aos alunos, o papel se inverte para o aluno. Agora o detentor do conhecimento é o próprio aluno, que decide para que usar este e de que forma usá-lo. Dessa forma o professor cumpre o papel que Vygotsky afirma ser, em sua perspectiva, função do professor que se utiliza da Zona de Desenvolvimento Proximal:

“... na perspectiva de Vygotsky, exercer a função de professor ... implica assistir o aluno proporcionando-lhe apoio e recursos, de modo que ele seja capaz de aplicar um nível de conhecimento mais elevado do que lhe seria possível sem ajuda.” (FINO: 2001, 7)

O professor agora toma um papel mais observador e fiscalizador, pois sua parte no processo já foi introduzida, pode-se comparar esse processo de troca de papéis com a produção de uma jóia, assim como o professor seria o escultor, os alunos seriam as jóias. Nesse processo podem ocorrer imperfeições e turbulências por isso as arestas que ficam, as dúvidas, serão sanadas com ajuda do escultor que irá apara-las para melhor entendimento.

De fato o meio lúdico é uma forma diferenciada de ensinar, não envolve apenas a brincadeira pela brincadeira e sim um método diferente de transmitir conteúdo e conhecimento de forma que atinja os alunos mais facilmente, pois é natural da criança brincar. Pela consideração social do brincar veremos que outros autores concordam entre si sobre aprendizagem.

“por permitirem que qualquer ser humano se relacione com o mundo que o rodeia, adquirindo qualidades fundamentais para seu desenvolvimento físico, mental e social.” (MALUF: 2012, 14)

Enquanto estive em sala de aula com a professora regente da turma, Professora Eliete, tentei por meio de jogo, criado por mim, introduzir o artifício lúdico para a vivência dos alunos que por diversas vezes deu muito certo, funcionando como fixador de conteúdo e em outras vezes não funcionou muito bem, pois foi dispersivo e pouco produtivo para professor e aluno.

Percebendo assim o enraizamento das questões relacionadas ao gênero tais como: limitação de afazeres, preferência por assuntos e brincadeiras somente de um gênero e etc. Do ponto de vista comportamental todos tem suas atitudes dentro do um padrão considerado normal para relação social entre indivíduos, ou seja, ninguém sofre ou provoca preconceito/bullying³, por causa do gênero do colega de sala.

Nota-se também uma visível diferença de concentração na hora de realizar atividades, exercícios, reprodução de textos, leitura e etc, que foram solicitadas tanto pela professora regente quanto por mim. Os alunos certa vez, fizeram uma atividade de espanhol solicitada pela professora, que acabou numa desorganização tremenda pelo fato de não conseguirem se concentrar, em tarefas muito longas, e a desatenção para fazer o que se pede, mesmo sendo explicado pela professora e auxiliado por mim durante toda atividade.

Visto que, durante a observação das atividades realizadas pelos alunos, foi verificado por diversas vezes que o gênero masculino consegue um nível de concentração mais rápido e profundo comparado ao do gênero feminino. Daniela Auad justifica esse fato da seguinte forma:

³ segundo o portal eletrônico Brasil Escola é um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender.

“Alguns meninos que respondiam corretamente às perguntas da professora e faziam todas as lições pareciam gozar de tanta liderança quanto os meninos que faziam a classe rir e desconcentravam as demais crianças com gracejos e brincadeiras. A dominação dos meninos era recorrente em ambos os casos, embora encenando diferentes lugares de destaque. [...] tomar a palavra, ou seja, falar na sala de aula, para a maioria dos meninos correspondia também à tomada de poder.” (AUAD: 2006, 38)

Verifiquei que na classe, que serviu de objeto de pesquisa, acontecia o contrário onde as meninas apresentavam liderança maior que os meninos o que demonstra que não é todas as vezes que os meninos demonstraram o que se espera deles, culturalmente falando. Vale também para as meninas.

Durante as atividades em sala de aula, a organização dos alunos é de suma importância para o desenvolvimento da atividade proposta, de maneira a otimizar o tempo dentro de sala de aula. A professora regente sempre dividia os alunos em duplas, para sentarem juntos, e normalmente ocorria sempre um aluno que estava indo bem, ou não tinha dificuldades de aprendizagem, com um que não estava tão bem assim, com algum atraso de aprendizagem ou diagnóstico externo. Dessa forma, a professora procurava que os próprios alunos se ajudassem para que a turma toda tivesse um rendimento aproximado e ninguém estivesse atrasado. Essa postura adotada pela professora, reafirma AUAD:

“a relação parecia ser a seguinte: quanto mais perto da mesa da professora, mais participativa e inquieta parecia ser a criança. Porém, quanto mais perto da porta, menos interativa e menos ruidosa parecia ser a criança. A observação dos fatores acima não guardava relação necessariamente com um rendimento ruim das crianças ao fazerem as lições. Não raro as crianças colocadas perto da porta [...] pareciam ser percebidas pela professora como aquelas que “rendiam bem”. Elas conseguiam fazer os deveres e acompanhar a aula sem necessidade de serem supervisionadas tão de perto. Quanto às crianças sentadas perto da mesa da professora [...], pareciam necessitar de um acompanhamento mais rígido e de uma supervisão mais atenta.” (AUAD:2006, 33)

A ideia de Auad se perpetua até os dias atuais, onde vemos que as professoras e alunos se acostumaram com essa prática, de deixar mais próximo quem dá mais trabalho, para que fique mais tempo sob os olhares do professor. Entretanto, essa diferença que existe de

“rendimentos” e “comportamentos” é inexistente quanto à matéria do brincar. A autora ainda afirma que é possível dizer que as diferenças entre meninas e meninos são organizadoras do espaço social. (AUAD: 2011, 31)

Todos os alunos no momento de brincadeira se equiparam e se tornam iguais, não existe diferença de gênero, cor, raça nem credo. Existe apenas o companheiro e companheira de brincadeira.

O brincar gera interação entre pessoas conhecidas, e às vezes até desconhecidas, que se unem em volta de um propósito em comum, jogar. Dentro da escola, ocorrem diversas vezes, a necessidade do professor se utilizar de uma ferramenta como essa, o brincar, para “quebrar o gelo” dos primeiros dias ou quando um aluno novo chega posteriormente ao início das aulas.

Os meninos, têm de 9 a 11 anos, observados na pesquisa deste trabalho confirmam o que Daniele propõe que as misturas e as separações de meninos e meninas não correspondiam sempre às misturas ou separações do masculino e do feminino. (AUAD: 2006, 44)

Daniela Auad também comenta que existem atividades exclusivas de meninas e exclusivas de meninos e algumas que são comuns entre ambos os gêneros, onde a construção social que divide as atividades faz que os indivíduos a reproduzam eventos sociais, (brincadeiras, diálogos, eventos em grupo), distinguindo quem pode fazer o que, e dessa forma limitam a ação de certas pessoas. Assim as relações de gênero,

correspondem ao conjunto de representações construído em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos gêneros.(AUAD:2006, 21)

No fim vemos que a relação de gênero e brincadeira na escola estão atreladas a uma questão histórica e social muito anterior a concepção da própria escola. Dessa forma gênero e ludicidade podem caminhar juntos, um servindo de ferramenta para o outro.

Capítulo 2

2.1 O lúdico como ferramenta na perspectiva de gênero

O conceito de gênero também não se refere mais ao estudo da mulher, ele é um conceito que procura enfatizar a construção relacional e a organização social das diferenças entre os gêneros, desestabilizando desta forma o determinismo biológico e econômico vigente, até então, em algumas das teorizações anteriores. Esse conceito nos leva, pois, a procurar entender as construções de feminino, de forma articulada com o masculino, uma vez que ambos estão implicados nas mesmas relações. E tem mais: o que é apresentado como feminino, nas sociedades ocidentais, toma o masculino como referência. A mulher é apresentada como o oposto do homem, só que esta não é uma simples oposição: ela é, como todas as oposições binárias que estruturam o pensamento moderno, uma oposição hierarquizada, em que um dos termos da equação é socialmente menos valorizado que o outro. As oposições binárias são, também, relações de poder (LOURO, 2001; MEYER, 2005).

O conceito de gênero indica o seguinte: *nós aprendemos a ser homens e mulheres* desde o momento em que nascemos até o dia em que morremos e essa aprendizagem se processa em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc. Mas significa mais ainda: como nós nascemos e vivemos em tempos e lugares específicos, assim como no Brasil, gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos e segmentos sociais.

“No Brasil, bem como em vários países latino-americanos, a exemplo do Chile, Argentina, México, Peru e Costa Rica, as primeiras manifestações aparecem já na primeira metade do século XIX, em especial através da imprensa feminina, principal veículo de divulgação de idéias feministas...” (COSTA: in Olhares Feministas, 2006, 54)

A luta pelos direitos das mulheres só começava, e com essa luta, traria várias outras questões como por exemplo, o próprio gênero que se destacava no plano de lutas das feministas. Levando esse tema como carro-chefe em algumas manifestações ao longo dos anos, que pretendiam não só lutar pelos direitos e maior reconhecimento, mas também pela mudança histórica do papel da mulher.

Com a expansão dos estudos sobre os diversos campos da história percebeu-se uma “falha” na história que só considerava até então o que era dito pelos homens, com a inserção de mulheres nos âmbitos masculinos depois da ascensão feminista juntamente com a revolução industrial as mulheres adquiriram o conhecimento necessário para lutar por seus direitos, como deixa bem claro a citação da professora Maria Izilda Matos:

“Após a fase inicial da necessidade de tornar visíveis as mulheres, abre-se a possibilidade de se recobrar a experiência coletiva de homens e mulheres no passado em toda sua complexidade, bem como procura-se um aprimoramento metodológico que permita recuperar os mecanismos das relações sociais entre os gêneros e as contribuições de cada qual ao processo histórico.” (MATOS: in Olhares Feministas, 2006, 287)

Somando-se ao coro de mulheres independentes e livres havia ainda uma briga em busca de uma identidade do movimento feminista. Movimento este que já havia rompido com diversos paradigmas e estabelecido novos marcos para a luta da mulher contra a sociedade machista. Contribuindo para ampliar a visão histórica assim como se refere Izilda Matos.

“o crescimento da produção historiográfica permite apontar que não se trata apenas de incorporar as mulheres no interior de uma grande narrativa pronta, quer mostrando que as mulheres atuaram tanto quanto os homens na história, quer destacando as diferenças de uma “cultura feminina”...” (MATOS: in Olhares Feministas. 2006, 287)

Após tanto lutar, batalhar e vencer muitas dos entraves travados em nome do movimento feminista as mulheres ganharam visibilidade assim como nas histórias catalogadas, elas agora faziam parte do papel principal e não eram apenas participantes que acompanhavam de longe, agora elas faziam acontecer. Suely Gomes menciona ainda que

“as mulheres passaram a engrossar parcelas significativas da população economicamente ativa; quando, diante das modificações radicais do mundo do trabalho, vivenciam redefinições do emprego colocadas pela ordem neoliberal...” (COSTA: 2003, 190)

Depois de muito estudo, a necessidade de reescrever a história era imediata, assim a vertente de gênero vem tomando forma, com a crescente produção historiográfica o movimento feminista também vem em uma crescente que segundo Ana Alice Alcântara Costa, dando mais poder ao o movimento feminista.

“Em 1975, como parte das comemorações do Ano Internacional da Mulher, promovido pela Organização das Nações Unidas, foram realizadas varias atividades publicas em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, reunindo mulheres interessadas em discutir a condição feminina em nossa sociedade [...]A partir desse evento, surgem novos grupos de mulheres em todo pais.” (COSTA: in Olhares Feministas, 2006, 59)

Escuta-se que o movimento feminista acabou, mas isso não procede, ele se transformou se modificou e adaptou-se a cada geração, atualmente não é difícil encontrar, os mais extremistas, mulheres nuas nas ruas com dizeres escritos no corpo em eventos de grande porte e divulgação mundial.

Todavia a luta feminista se inspira em idéias iluministas que perduram até os dias atuais. Na época de sua concepção, o movimento foi tido como mais uma união de mulheres e simpatizantes que não tinham mais o que fazer, entretanto com o decorrer do tempo ganhou status político e passou a ter identidade própria agregando cada vez mais seguidores em prol da sua causa, lutando pelo poder feminino.

“Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que construção dos perfis de comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que constituíram-se social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados.” (MATOS: in Olhares Feministas, 2006, 288)

Dentro do grande movimento existem vertentes, como dito anteriormente, que fazem o movimento se tornar muito plural e as vezes até disperso, pois vai de encontro com várias problemáticas, porem não com o “poder” necessário para efetivar uma mudança ou começá-la.

As mulheres, como representantes de um movimento, enobreciam a postura e conduta feminina, conseguiram muitas vitórias contra o sistema machista que imperava no Brasil e no mundo, assim como lembra Ana Alice Alcântara quando diz:

“não poderia deixar de reconhecer os limites da política feminista no sentido da mudança de mentalidades sem acesso a mecanismos mais amplos de comunicação e tendo de enfrentar a resistência constante de um aparelho patriarcal como o Estado.”
(COSTA: 2006, 63)

Com esse empoderamento da mulher, que é trazer uma nova concepção, construindo novas responsabilidades coletivamente construídas tanto de tomada de decisões quanto ao compartilhamento de responsabilidades. Um desafio ao método patriarcal vigente, isso garantiu autonomia as mulheres que nunca tiveram antes. Passou-se então a ver mulheres atuando em áreas onde jamais seria aceita antigamente, a revolução industrial mostrou isso ao mundo.

Nos anos de 1990 multiplicaram-se as organizações estudantis e trabalhadoras em prol da mulher, já é uma época mais independente para as feministas, sendo assim elas puderam articular os movimentos feministas e romper novas barreiras disseminando a semente do movimento na esperança que as mulheres que ainda não possuísem esse conhecimento passassem a se identificar com as ideias e se unissem.

“demonstrar que o comportamento ou os valores que são aceitos em uma sociedade num certo momento histórico podem ser rejeitados em outras formas de organização social ou em outros períodos. (MATOS: 292, in Olhares Feministas, 1997)”

Pode-se dizer que mesmo de breve forma colocar a existência de gênero ligado à construção social sujeito, ou seja, o meio que este habita irá influenciar direta e indiretamente na identificação do indivíduo com quaisquer dos gêneros.

Tudo que foi dito até agora é uma construção histórica que vem de muitos anos sendo reafirmada pela sociedade machista e reproduzida pela escola. Essa que é a entidade reprodutora de conhecimento, e disseminadora do mesmo, entretanto, por efeito opressivo e

impositivo da sociedade, foi-se colocado várias imposições com relação a gênero, algumas perduram até hoje. Mas porque isso ainda está presente na sociedade?

Uma das principais culpadas da disseminação de preconceitos e também de informações é a escola, lugar aonde a grande maioria, vai para aprender os costumes da sociedade e disciplinas que serão úteis em sua vida futura.

Pois bem, pelo fato da escola ser considerada a segunda casa de seus alunos, ela também deveria tratar os próprios como tal, entretanto, nos dias atuais não existe mais um sentimento de educação, como era visto na Grécia antiga ou em tribos indígenas, onde a educação segundo Carlos Rodrigues Brandão, em seu livro intitulado: O que é educação, se identificava como “processos sociais de aprendizagem, não existe ainda uma situação propriamente escolar de transferência do saber tribal...” (BRANDÃO:1981, 17), ele diz que todo processo cultural é o processo de aprendizagem e de reprodução da condição social, pois o mais jovem sempre se espelha no mais velho. Brandão ainda menciona neste mesmo sentido que “os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e premiam.”. (BRANDÃO: 1981, 20)

Então podemos refletir sobre a escola, ainda não concebida neste momento, é uma entidade que transmite todo e qualquer tipo de conhecimento para seus alunos. O autor ainda menciona a educação como uma forma de desenvolvimento social:

“a educação é um meio pelo qual o homem (a pessoa, o ser humano, o individuo, a criança etc.) desenvolve potencialidades biopsíquicas inatas, mas que não atingiriam a sua perfeição (o seu amadurecimento, o seu desenvolvimento etc.) sem a aprendizagem realizada por meio da educação. Pode até ser que haja formas próprias de autoeducação, mas é de suas praticas interativas (interpessoais), coletivas que se está falando...” (BRANDÃO: 1981, 61)

A escola como já mencionado é uma reprodutora de padrões sociais de acordo com Carlos Brandão.

Tais afirmações combinam também com as feitas pelo pensador Vygotsky sobre o desenvolvimento humano com as relações interpessoais da mesma forma colocada por Brandão. “Para Vygotsky, o desenvolvimento consiste num processo de aprendizagem do uso das ferramentas intelectuais, através da interação social com outros mais experimentados no uso dessas ferramentas (P.B. e C., 1993 in FINO, 2001, 5)”

Pode-se colocar a evolução da aprendizagem com a criação da escola que sempre foi reprodutora de conhecimento e segregadora de classes sócias, pois apenas uma pequena parte da sociedade tinha alguma escola a disposição. Assim como Brandão menciona:

“Quando o fruto do trabalho acumula os bens que dividem o trabalho, a sociedade inventa a posse e o poder que separa os homens entre categorias de sujeitos socialmente desiguais. A posse e o poder dividem também o saber entre os que sabem e os que não sabem. Dividem o trabalho de ensinar tipos de saber a tipos de sujeitos e criam, para o seu uso categorias de trabalhadores do saber-e-do-ensino.”
(BRANDÃO:102,2007)

A grande maioria da população, sempre aprendeu com base na observação e reprodução do que foi visto, com a criação da escola, aquela pessoa além de aprender, com a experimentação aprenderia também como explicar com teoria o que fez na prática, entretanto, isso gerou uma separação de classes, devido, a evolução da sociedade e do mecanismo de ensino. Brandão coloca que “o controle sobre o saber se faz em boa medida através do controle sobre o que se ensina e a quem se ensina...” (BRANDÃO, 1981, 102) Brandão também coloca que as formas de ensinar, como visto acima segregam os segmentos de sociedade conforme status financeiro, ou seja, quem tem mais dinheiro receberia uma melhor educação.

Para os dias atuais, faço a simples comparação com a atual escola pública, e as escolas particulares, nota-se uma visível diferença tanto de cobrança dos alunos, professores, funcionários e de resultados. Um massivo investimento, em propaganda, para dizer qual é a melhor escola, das particulares, quando a melhor deveria ser indiscutivelmente a pública.

Vale ainda ressaltar o papel do corpo docente da escola e dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem que na forma que Brandão coloca que

“a imensa massa dos próprios educadores da linha de frente do trabalho pedagógico (professores, diretores de escola, orientadores, supervisores educacionais) tem o poder do exercício da reprodução das ideias prontas sobre educação e dos conteúdos impostos à educação” (BRANDÃO: 2007, 96)

Mesmo na educação atual, com muitas novas técnicas e tecnologias, ainda se enxerga resquícios do passado que assombram principalmente a questão de gênero dentro da escola. O assunto, quando é tratado, é visto superficialmente e não se tem um planejamento com os professores para trabalhar com um assunto tão delicado como esse.

Tudo reafirma, as condições vividas pelas mulheres, descritas no início deste capítulo, nos dias atuais. A luta por direitos, ainda perdura e é constante, às vezes com maior fervor, mas nunca se acaba.

Tem-se como colocar o lúdico como aliado, na conversação ou na destruição de concepções sobre gênero, com o uso do lúdico, como uma ferramenta transformadora de opiniões e fixadora de conteúdo, está na mão dos professores a melhor maneira de utilizá-la, como forma de modificar a atual visão que se tem sobre esse assunto, agregando sempre as novidades que surgem a cada dia no universo educativo e também no mundo.

2.2 O brincar na Escola

Por muitas décadas foram praticados meios pedagógicos que atualmente são considerados arcaicos, ou pelos mais respeitosos: clássico. Esse método que constituía basicamente do conhecido “cuspe e giz” vem até os dias atuais dando certo e formando alunos nas diversas escolas que existem pelos pais. Com a chegada do novo milênio, da evolução tecnológica, cada vez mais rápida e a defasagem dos métodos de ensino “clássicos” surge à necessidade de se explorar um novo meio, uma nova gama de interesse, e um novo ramo de experiência, a educação lúdica. Assim também corrobora com o pensamento de Celso Antunes:

(“o avanço da ciência e da tecnologia é tão rápido, as novas informações surgem e se tornam velhas tão rapidamente que toda essa porção de coisas que você sabe vai ter de ser mudada, substituída por outras novas.” ANTUNES: 2009, 7)

Reafirmando mais uma vez a necessidade de estar “em dia” com as informações do mundo e da educação. Pode-se definir o lúdico como um método que proporciona além de um momento de descontração mostra “ao professor, o jogo ensina como seu aluno aprende, se relaciona, levanta hipóteses, se expressa—é um manancial de informações sobre a vida intelectual, social e afetiva de quem aprende.” (FORTUNA, 2001,118).

A ludo-educação vem para somar-se a educação tradicional e tentar quebrar velhos paradigmas e inovar a arte de educar trazendo para dentro de sala de aula a brincadeira e o jogo. Engana-se quem pensa que jogos educacionais são jogos “normais” estes por sua vez são jogos com mediadores, normalmente o professor ou professora, que irá ditar as regras do jogo e ensinar todo o processo.

As brincadeiras de rua, podemos chama-las assim, muitas das vezes não possuem mediador e com frequência sofrem alterações para se adaptar as condições de terreno, clima e quantidade de jogadores por exemplo.

Com essa ludicidade em mãos, os professores atuais, têm mais uma arma para trazer o aluno para dentro do mundo da educação e fazer com que ele tome gosto por isso, através do jogo e da brincadeira. Transformando o ambiente escolar em um de maior conforto para que o aluno exerça o aprender em sua plenitude seguindo o raciocínio de Ângela Maluf quando menciona:

“é necessário que a escola se transforme num espaço agradável, alegre, impulsionador de interatividade, do diálogo aberto. Para o alcance do objetivo maior que é o “aprender a aprender”, um dos recursos metodológicos que vem sendo apontado como viabilizador desse processo é o brincar” MALUF: 2012 11).

Como veremos nos gráficos a seguir, a existência de brincadeiras, de qualquer tipo, no cotidiano escolar e particular, dos 27 alunos da turma é muito significativa, isso traz a importância de se trazer um método novo para sala de aula e um que seja mais efetivamente “perto” da linguagem natural da criança que é brincar. Justificado também por Ângela Maluf quando menciona que:

“As brincadeiras são admiráveis instrumentos de realização para o ser humano, especialmente para as crianças; reúnem potencialidades, desenvolvem iniciativas, exercitam capacidades de concentrar a atenção, descobrir, criar e especialmente, de permanecer em atividade.” (MALUF: 2012, 13)

Contribuindo com a aprendizagem das crianças dentro da escola, o lúdico é uma ferramenta, disponível ao uso de quem assim o desejar dessa forma nas palavras de Tânia Ramos Fortuna:

“Reiteramos que a contribuição do jogo para a escola ultrapassa o ensino de conteúdos de forma lúdica, *sem que os alunos nem percebam que estão aprendendo*. Não se trata de ensinar como agir, como ser pela imitação e ensaio através do jogo, e sim, desenvolver a imaginação e o raciocínio, propiciando o exercício da função representativa, da cognição como um todo.” (FORTUNA, 2001, 118)

Parte III

Capítulo 3

3.1 Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa se deu de um apanhado de formas, utilizando-se da pesquisa quanti-qualitativa o pesquisador começou com a observação participante que foi realizada durante os 18 meses da pesquisa. Durante a evolução da pesquisa e diante da necessidade de uma coleta de dados mais específica foi introduzido o método do questionário aos alunos. Utilizando-me de duas formas de questionário, aberto e fechado pude aplicar de forma e sem que atrapalhasse o progresso da turma com as disciplinas cotidianas.

Fazendo o levantamento estatístico, de dados coletados, e também sua interpretação, por meio de hipóteses, tentando explicar o porquê das estatísticas, que vem a seguir, aparecerem dialogando com os autores do referencial teórico.

Foram aplicados três questionários, sendo dois deles mistos, aos alunos onde o primeiro foi aplicado para a turma toda de uma vez, como se estivessem fazendo uma prova regular, já o segundo questionário foi aplicado com os alunos separados em grupos de cinco ou seis, que foram escolhidos aleatoriamente pela professora, que por sua vez eram retirados da sala de aula para outra sala, onde ali deveriam responder o questionário e voltar para sala quanto permitido por mim.

Esse questionário, foi seguido de uma pequena associação de palavras, elaborada por mim onde tínhamos 14 palavras com o simples objetivo, de verificar qual era a associação que a mente dos alunos faria com a palavra, que era ditada por mim, dessa forma esses dados irão me ajudar a tentar diagnosticar a turma.

Com os dados em mãos, e dialogando com os autores já mencionados, foi feita análise desses dados, e suas correlações com a teoria, visando cumprir os objetivos da pesquisa, dessa forma podemos ter um trabalho teórico-prático com maior riqueza de detalhes.

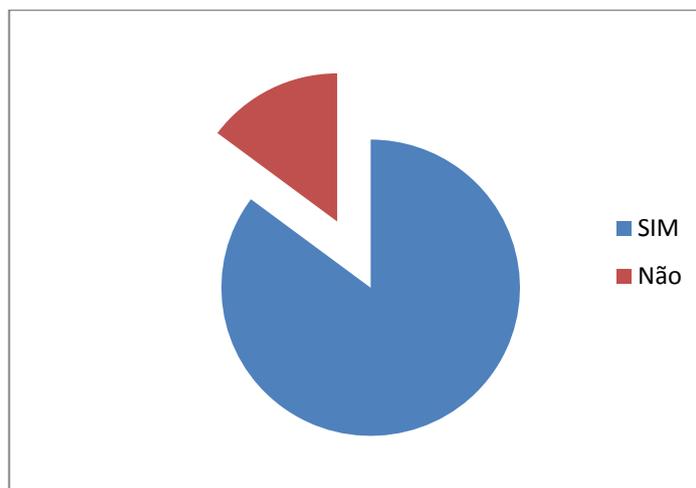
Durante o processo de análise, dos dados coletados nos últimos 18 meses, buscou-se sempre verificar qual era a importância do lúdico na educação, dos alunos pesquisados. Não deixando de lado, o olhar diferenciado sobre a questão de gênero na escola. Suas relações com a aprendizagem e com a ludicidade.

Nenhum dos alunos participantes foi identificado para análise dos dados, para que a privacidade pudesse governar todo processo de análise.

3.2 Análise de dados

A coleta de dados foi realizada através de uma sequência de questionários, três para ser exato, que foram aplicados no decorrer da experiência prática do aluno de Pedagogia dentro de sala de aula. Os questionários tinham como objetivo verificar primeiramente qual a contribuição lúdica no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e também verificar na perspectiva de gênero essas brincadeiras eram conduzidas dentro e fora da sala de aula. Os questionários eram do tipo misto, contendo perguntas abertas e fechadas. Todos os alunos da sala participaram da pesquisa, eram 27 alunos. Destes 17 são do gênero feminino e 10 do gênero masculino.

Quando questionados sobre a existência ou não de irmãos ou irmãs na família a resposta predominante, com base nos questionários aplicados aos alunos, que a grande maioria deles tem influência em casa de um irmão ou irmã, seja ele ou ela mais novo ou mais velho existe a predominância de não serem filhos únicos.



(Gráfico irmãos)

Novamente questionados sobre irmãos e irmãs, aos que responderam afirmativamente, eles deveriam responder se existe ou não o costume de brincar entre eles. As respostas foram

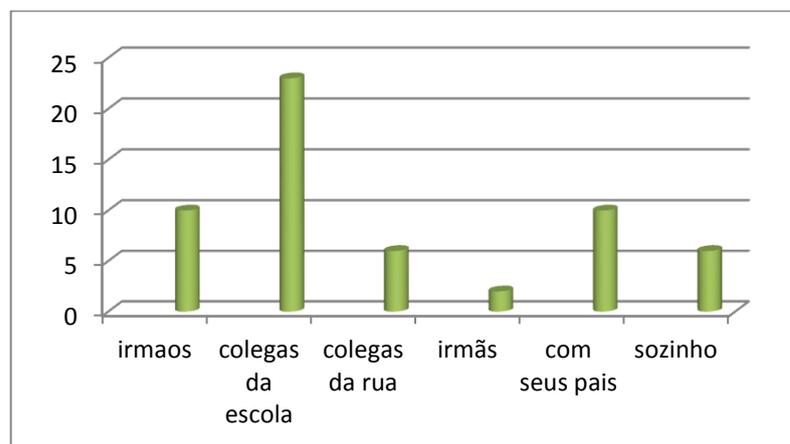
as mais variadas possíveis desde um simples “não” até um “as vezes porque meu irmão é chato e minha irmã adulta”, dentre essa gama de respostas obtidas é possível inferir que a idade é um fator determinante para a brincadeira, tanto em grupo quando sozinho.

Os alunos que acusaram não brincar justificaram em sua maioria pelo fator etário ou pela ocupação do irmão ou irmã.

Os que afirmaram brincar com os irmãos, colocaram justificativas um pouco vagas, mas ressaltando sempre o prazer que tinham em brincar, em conjunto e o quanto isso os divertia e alegrava.

Todos os 27 alunos da turma, apenas 6 marcaram que brincam sozinhos e destes 6, 2 deles não tem nenhum irmão ou irmã e apenas um aluno assinalou que possui irmãos entretanto prefere brincar sozinho.

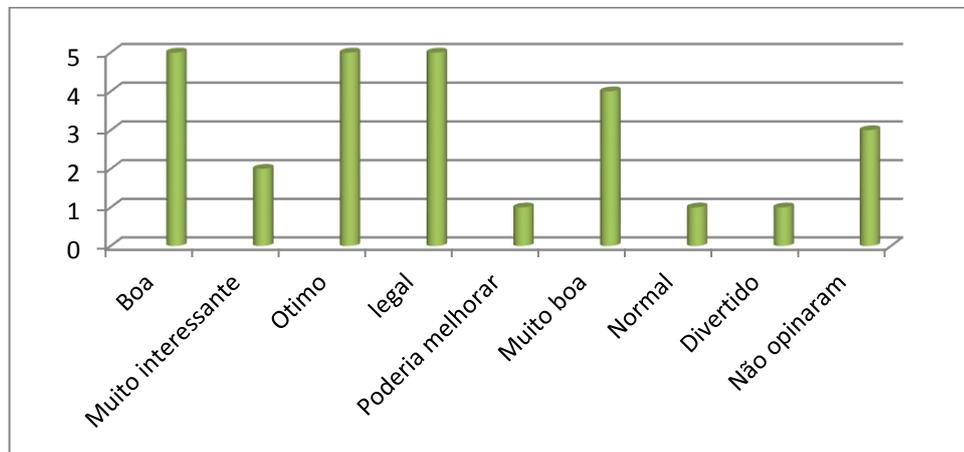
Com a exceção desses dois alunos, o restante marcou uma ou mais opções para com quem mais brinca como o gráfico a seguir:



(Gráfico “com quem brincar”)

A leitura desse gráfico traz dois posicionamentos, o primeiro é que, a escola além de ser o local de aprendizado é o local de interação e de se fazer amizades; o outro é de que fora o espaço escolar as crianças não tem muita companhia para as brincadeiras.

Prosseguindo com o questionário, esta questão que segue é direcionada a quanto os alunos estão aprendendo e o quanto gostam do maneira/método que aprendem na escola. Foi perguntado a todos o que eles achavam do modo de ensinar da escola. As respostas foram as seguintes:



(Gráfico “a escola”)

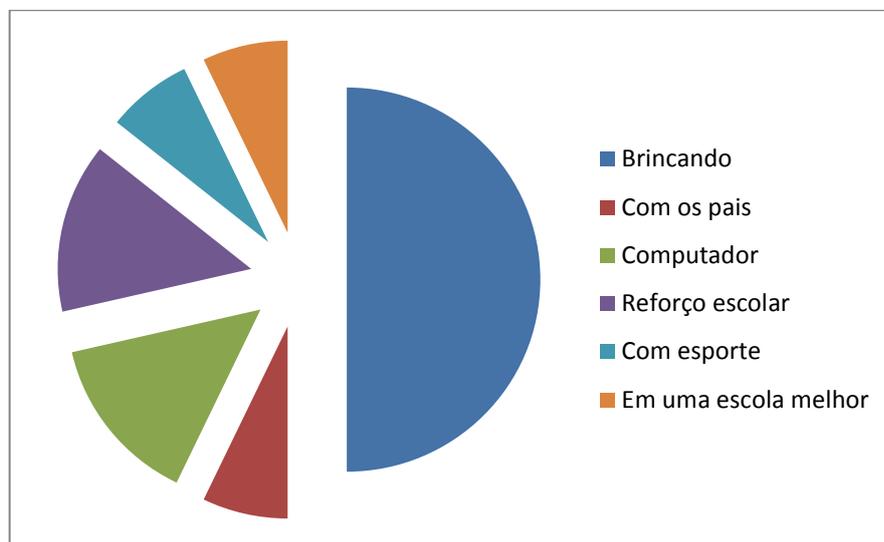
A grande maioria avaliou positivamente o modo de ensino da escola e da professora, sabendo que cada professor influencia diferentemente cada turma, de modo geral a avaliação dos alunos condiz com o rendimento da turma dentro de sala de aula, pois apesar de gostarem muito de falar e as vezes acabar atrapalhando todos tem um rendimento considerado razoável para bom em todas as disciplinas ministradas.

A turma toda se identifica muito com a professora, e com o método que ela utiliza para suas aulas, que é expor o conteúdo por meio oral ou texto avulso e em seguida inverter os papéis fazendo perguntas aos alunos, para dar aula naquela turma, isso justificaria algumas das respostas acima.

Complementando a pergunta sobre o método de ensinar perguntou-se: Você acha que poderia aprender mais de outra forma?

As respostas foram NÃO, marcado 13 vezes e SIM, marcado 14 vezes. Os alunos que optaram pela marcação do não estão contentes com o atual modo de ensinar da escola e não veem necessidade de mudança nem acréscimo.

Já a parte que assinalou SIM vê que existem outras possibilidades de aprender fora quadro e giz e estes colocaram as opções seguintes para complementação de seus estudos:



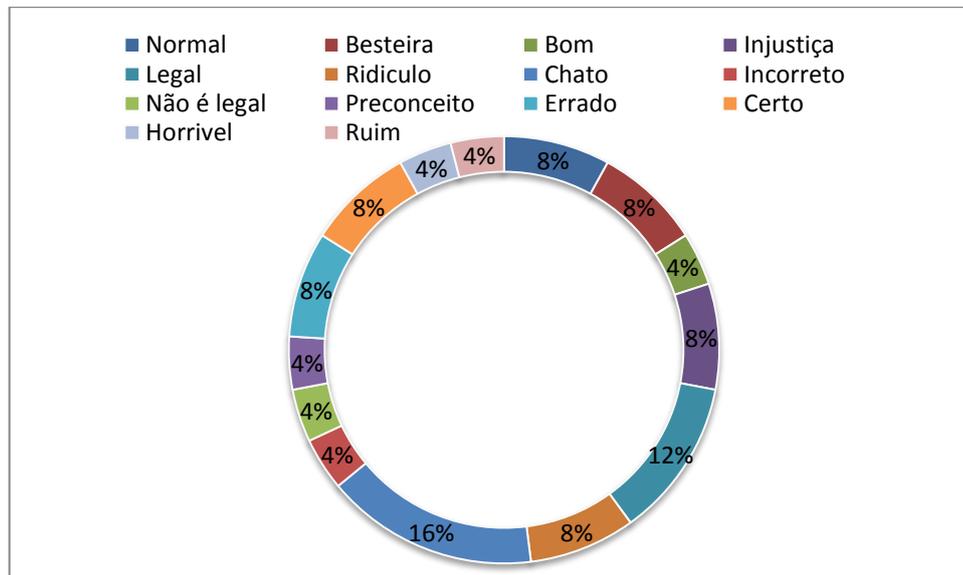
(Gráfico “temos opções”)

Mais uma vez a brincadeira, de modo geral, se sobressai nas escolhas dos alunos, mostrando que é possível aprender brincando e dessa forma diferenciar as aulas saindo da rotina, levando o aluno a trabalhar o assunto de forma mais prazerosa e íntima do próprio.

Durante a realização de prática didática com a turma, foi introduzido por diversas vezes o jogo durante a realização de exercícios ou correção dos mesmos. De cara houve aprovação de todos na turma e uma participação em massa dos alunos na atividade proposta.

Uma simples competição de matemática, em que a turma foi dividida em grupos, despertou o interesse maior dos alunos sobre o assunto, alguns que andavam cabisbaixos e aéreos foram fisgados pela brincadeira envolvente que foi executada em sala.

A pesquisa ainda vem perguntar aos alunos uma fato intrigante e que nos dias atuais se vê muito raramente nas escolas: “O que você acha dos meninos brincarem só com meninos e meninas só com meninas?”. Atualmente não existem, ao passo do que existiam antes, colégios só de meninas e colégios só de meninos, o mais natural quando estão todos convivendo juntos harmoniosamente.



(Gráfico “juntos ou separados”)

Quanto a essa questão recorde de causar certo alvoroço nos estudantes pelo fato de ter a possibilidade da separação dos gêneros para brincarem.

A maioria das respostas se inclina em sentido negativo a separação por gêneros e justificadas pelas respostas acima, apenas alguns sinalizaram positivamente para separação por gênero. Assim como Daniela Auad coloca que parecia haver “divisões na sala de aula” e “misturas no pátio” mas na verdade não era bem assim. Quando a autora menciona que as

misturas e as separações de meninos e meninas não correspondiam sempre às misturas ou separações do masculino e do feminino. (AUAD: 2006, 44) ela obteve o resultado que ajuda a elaborar o porquê das respostas dos alunos se colocarem dessa forma.

Juntando os pedaços podemos colocar todos os alunos com interesses distintos dentro de uma mesma sala de aula sobre a supervisão de um professor ou professora, porem quando esses mesmos são observados em seu momento de descontração durante o recreio é possível ver que a separação que fica mais visível é por interesse e não por gênero.

Do ponto de vista afirmativo a separação veio carregada de expressões como, por exemplo: “algumas coisas só menina brinca” (a mesma afirmação a favor do gênero masculino).

“São exemplos de como alunos e alunas reagem e resistem aos modelos tradicionais de masculino e de feminino. Os jogos e as brincadeiras dos quais participavam a maioria de meninas e meninos, no pátio, também são expressivos. Eles podem revelar como as relações de gênero entre as crianças vão sendo construídas e, ao mesmo tempo, fabricam meninas, meninos, homens e mulheres.”

Auad afirma concordando com o exposto anteriormente que com isso é reafirmado que o gênero não é fator segregador dentro da escola e sim um meio de estudo de comportamento social e educativo, uma nova forma de entender o homem e a mulher, a aluna e o aluno dentro desse espaço de convívio social tão especial e peculiar a todos que o frequentam.

3.3 Considerações Finais

Pude perceber durante a execução da pesquisa que a experiência docente é muito importante na formação do futuro Pedagogo. Verifiquei também, após desenvolver o referencial teórico desta monografia, que mais uma vez que a brincadeira é importante, ferramenta, para o desenvolvimento escolar, motor e psíquico da criança. Isso é um fato, entretanto, a brincadeira também é um método muito eficaz de socialização da criança, onde uma vez inserida na sociedade, ela amplia seus círculos de convivência, experimentando coisas novas todos os dias.

O jogo, ou a brincadeira, foi o método encontrado muitas vezes para solução de conflitos cotidianos e principalmente para agregar valores como respeito por exemplo. Com o brincar, pode-se trabalhar a relação de gênero entre os alunos, trabalho esse que requer preparação e planejamento, um dos modos de se trabalhar o lúdico é para desmistificar as brincadeiras só de um gênero ou de outro, fazendo assim com que desde cedo já aprendam que sendo homem ou mulher todos merecem respeito e tem os mesmos direitos.

Percebi que gênero e ludicidade podem caminhar juntos, em razão da educação. Levar os conceitos de gênero através da ludicidade, é uma maneira diferente de proporcionar conhecimento, seja sobre um assunto atual ou sobre história antiga. Não importando o conteúdo, o método lúdico é eficaz para se trabalhar tanto conteúdos tradicionais quanto conteúdos adicionais.

Trazendo os resultados da pesquisa, junto à colaboração teórica, pude observar que o objetivo da pesquisa, uso do lúdico como ferramenta, foi concluído com sucesso. Verificou-se que essa modalidade de ensino pode contribuir muito para aprendizagem dos alunos dentro e fora da sala de aula, juntamente com o desejo dos alunos pela mudança e por algo mais interessante, do ponto de vista deles. Sobre a perspectiva de gênero o objetivo também foi

alcançado, os alunos tem uma boa visão sobre o assunto, discernem bem os valores de cada gênero, e no que toca a ambos os assuntos, a ludicidade com perspectiva de gênero traz uma leitura diferenciada dos alunos, o que demonstra, que a grande maioria estará preparada, em um futuro não muito de distante, para lidar com as questões de gênero sem relaciona-las ao preconceito.

Essa geração de transição entre o método clássico de ensino e o método tecnológico de ensino, que vem sendo implantado nas escolas, está (a meu ver) no caminho certo, para quebrar os paradigmas e romper o ainda existente preconceito que vigora na sociedade, gerando novas mentes que poderão disseminar essa nova semente de ideais e construir uma nova cultura onde não exista discriminação nem preconceito.

3.4 Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Celso - A grande jogada: manual construtivista de como estudar 13ª edição; Petrópolis, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues – O que é educação; São Paulo, 1881.
- COSTA, Ana Alice Alcântara – Coleção Educação para Todos Volume 10, 2006, p. 51 á 82.
- COSTA, Suely Gomes – Gênero e História In: Ensino de História, temáticas e metodologia. – M.A. e R.S. (org.) – Rio de Janeiro, 2003.
- DOS SANTOS, Santa Marli Pires – O brincar na escola, Petrópolis, 2010.
- FERREIRA, Isabel Cristina Fernandes; COELHO, Maximila Tavares Quadros - Formação Pessoal: Lúdico-Espaço para pensar e aprender. In: Santos, Santa Marli Pires dos (org.). A ludicidade como ciência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- FINO, Carlos Nogueira – Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal: três implicações pedagógicas. In Revista Portuguesa de Educação, Vol. 14, nº2, Belo Horizonte, 2001 p. 273-291.
- FORTUNA, Tânia Ramos. Formando professores na Universidade para brincar. In: Santos, Santa Marli Pires dos (org.). A ludicidade como ciência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 115-119.
- LABROW, Mark – Atividades Criativas para a Sala de Aula; Petrópolis, 2011.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando – Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. São Paulo Psicologia da Educação nº32, 2011, p. 25-46.
- MALUF, Ângela Cristina Munhoz – Atividades Recreativas para divertir e ensinar 5ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MALUF, Ângela Cristina Munhoz – Brincadeiras para sala de aula 10ª edição; Petrópolis, 2012.
- MATOS, Maria Izilda – Coleção Educação para Todos Volume 10, 2006, p. 281 – 294.
- MEYER, Dagmar E. E. Gênero e educação: teoria e politica. In: *Corpo, Gênero e Sexualidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

<<http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>> Acessado em 16/02/2013 às 16h54min

PARTE III

Perspectivas de atuação profissional

Esse trabalho encerra uma das mais importantes fases da minha vida, a conclusão da minha primeira graduação, digo primeira porque almejo continuar estudando tanto em níveis mais elevados, mestrado e doutorado, quanto em fazer outra graduação.

Tenho expectativas que a conclusão dessa fase de minha vida irá me trazer novas perspectivas e desafios, tanto pessoalmente quanto profissionalmente, onde eu possa usar todo ou ao menos parte do conhecimento adquirido dentro da Universidade.

Pretendo ainda realizar um projeto que venho sonhando já há algum tempo, que é montar uma empresa de acompanhamento escolar personalizado. Para oferecer um serviço diferenciado aos alunos com dificuldades de aprendizagem, mas não excluindo os demais.

Almejo também realizar uma especialização em psicologia aplicada à educação, psicopedagogia e prosseguir em pós-graduações nessa área.

Apêndices

Nome:

Idade:

Questionário

Você tem algum irmão ou irmã? Quantos?

Você costuma brincar muito com eles? Por que?

O que você acha da maneira de ensinar dentro da escola?

Você acha que poderia aprender mais de outra forma? Qual forma seria?

Quando a professora traz alguma brincadeira ou brinquedo para sala de aula ela trabalha com a brincadeira de que forma? Utiliza o que aprenderam em sala?

Escola Classe 302 Norte

Nome:

Data: ___/___/20___

- Escreva abaixo com quem você prefere realizar as atividades a seguir e o por que de preferir essa pessoa ou pessoas

1 – Brincar de boneca

2 – Jogar Futebol

3 – Jogar Videogame

4 – Dançar

5 – Cantar

6 – Brincar na rua

7 – Assistir TV

8 – Conversar

Nome: _____

Idade: _____

1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		

Nome: _____

Idade: _____

1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		